



ESPECIAL

INOVAÇÃO & DESENVOLVIMENTO

“Horizonte 2020 deve atribuir mil milhões a Portugal”

Carlos Moedas, Comissário Europeu da Investigação, Ciência e Inovação, responsável pelo Programa Horizonte 2020 – dotado com 80 mil milhões de euros para apoiar projetos de investigação e inovação – disse ao JE que já pediu ao Parlamento Europeu um novo programa, com duração de sete anos e uma dotação de 100 mil milhões de euros. Até ao final de junho de 2019, o Horizonte 2020 atribuiu a Portugal mais de 727 milhões de euros, dos quais 218 milhões de euros foram concedidos a 475 projetos de dez instituições do Ensino Superior e investigação. | PII

Altice é a empresa que mais investiu em I&D em 2018 | PIV

Apoios disponíveis em Portugal e Fórum sobre orçamento de I&D | PVI e VII



ENTREVISTA **CARLOS MOEDAS** Comissário Europeu da Investigação, Ciência e Inovação

“Portugueses devem ir buscar mil milhões aos apoios à inovação”

As candidaturas nacionais ao programa Horizonte 2020 devem obter mil milhões de euros de apoios, prevê Carlos Moedas, que já propôs ao Parlamento Europeu um novo programa com 100 mil milhões de euros.

JOÃO PALMA-FERREIRA
jferreira@jornaleconomico.pt

“Os projetos portugueses elegíveis no âmbito do Programa Horizonte 2020 devem ir buscar cerca de mil milhões de euros, o que é o dobro do que obtiveram anteriormente em apoios à investigação e inovação”, antecipou ao Jornal Económico o comissário Carlos Moedas. Ex-secretário de Estado Adjunto do primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, no XIX Governo Constitucional, entre 2011 e 2014, Carlos Moedas é o comissário com a pasta da Investigação, Ciência e Inovação responsável pelo maior programa-quadro de sempre de investigação e inovação da União Europeia – o Horizonte 2020, dotado com cerca de 80 mil milhões de euros entre 2014 e 2020. Para dar continuidade ao seu trabalho, solicitou ao Parlamento Europeu o prolongamento deste programa por mais sete anos e o reforço da sua futura dotação para 100 mil milhões de euros.

As verbas da Comissão Europeia destinadas a apoiar projetos de I&D candidatados ao Programa Horizonte 2020 – um bolo de 80 mil milhões de euros destinado à investigação e inovação – fizeram a diferença para Portugal? Foram catalizadoras da investigação científica, do desenvolvimento de projetos tecnológicos e da inovação portuguesas?

Sim, é verdade. Permitiram que Portugal desse um salto quantitativo e qualitativo considerável. Ao nível das universidades, da ciência, e da produção industrial, que incorpora agora alta tecnologia e é distinguida a nível internacional pelos produtos feitos em Portugal que estão entre o que de melhor se fabrica a nível mundial.

Que impactos concretos

tiveram os fundos de I&D atribuídos aos projetos portugueses?

Tiveram dois impactos muito importantes. Junto dos cientistas portugueses – que valorizaram a ciência portuguesa e projetaram o seu trabalho no mundo, colocando-se entre os melhores dos melhores –, que, assim, tiveram portas abertas para trabalharem nos projetos científicos mais reputados a nível internacional, depois de terem recebido esse selo de excelência que é o financiamento da Comissão Europeia que atesta o mérito dos projetos candidatados ao Programa Horizonte 2020. E, também, junto das empresas, que podem apresentar a garantia de terem sido financiadas pela Comissão Europeia, o que por si só é relevante para obtenção de financiamentos privados complementares. Os casos de *startups* como a Feedzai – presidida por Nuno Sebastião –, são bons exemplos disso. Esta empresa de ciência de dados especializou-se na deteção de fraudes no comércio *omnichannel* através da investigação e desenvolvi-

mento da tecnologia de *machine learning*, que analisa fluxos de *big data* que identificam transações fraudulentas, minimizando riscos no setor financeiro. A União Europeia mostra que consegue ser um catalizador de I&D no trabalho dos cientistas e das empresas que se distinguem pela inovação. Digamos que é uma Europa invisível que tem impactos concretos no desenvolvimento do conhecimento científico e na promoção de empresas de alta tecnologia. Portugal afirma-se neste quadro pelo mérito dos projetos candidatados.

Esses apoios públicos ajudaram a captar verbas privadas para os projetos de I&D?

Exatamente. Isso acontece quando o conhecimento científico é transformado em produtos de mercado. Os financiamentos públicos são mais vocacionados para apoiar a investigação científica. Mas quando as ideias da ciência chegam aos mercados promovem alianças entre os dinheiros públicos e os privados, porque os capitais privados estão vocacionados para financiar as soluções industriais que podem produzir produtos com potencialidade de serem comercializados.

Atendendo ao sucesso do Programa Horizonte 2020, é expectável que a Comissão e o Parlamento Europeu lancem uma nova edição, com reforço de dotações?

Tenho vindo a trabalhar nesse sentido, para obter o acordo do Parlamento Europeu em relação a um novo programa que possa vigorar por mais sete anos, com uma dotação que passe dos 80 mil para os 100 mil milhões de euros, cabimentado pelos próximos quadros financeiros plurianuais.

Além do reforço das verbas destinadas ao quadro Programa Horizonte 2020 dedicado à Investigação, Ciência e Inovação – conforme

foi concebido pela presidência da Comissão Europeia ao tempo de Jean-Claude Juncker – este pelouro já foi alargado com novas valências...

O apoio à investigação, fundamental na área da ciência, beneficia do trabalho feito no âmbito do ERC – European Research Council, que será complementado pelo Conselho Europeu da Inovação e por uma nova forma de entender e divulgar a inovação enquanto marca única.

E Portugal mudou com as preocupações da Comissão em matéria de inovação?

Portugal registou uma evolução enorme nos últimos dez anos. O país já não centra os seus interesses exclusivamente nos fundos estruturais e nos fundos de coesão. Há questões muito relevantes que têm resposta nos fundos destinados a apoiar a Investigação & Desenvolvimento (I&D). Os empresários sabem que a inovação é decisiva para o sucesso dos produtos nos mercados e que os fundos disponíveis para apoiar a I&D são fundamentais para assegurar o futuro das empresas. Portugal contribuiu para dotar os fundos europeus com verbas destinadas à investigação e à inovação, e até 2014, os portugueses foram buscar cerca de 500 milhões de euros para este fim. Mas agora prevemos que possam chegar aos mil milhões de euros no Programa Horizonte 2020. Ou seja, podem ir buscar o dobro, o que comprova a importância dos apoios à inovação.

Qual é o maior cliente português destes apoios da Comissão?

Claramente a Universidade do Minho, pois tem uma ligação forte ao meio empresarial. Esta é a única estratégia possível para Portugal, onde inovação e tecnologia terão de compensar as limitações em recursos naturais, que são inferiores aos recursos existentes em outros países da UE. O exemplo de Israel é



importante para Portugal, porque é um país que não tem petróleo, onde a paisagem dominante é o deserto, e que recorre à inovação e à tecnologia para afirmar os seus produtos nos mercados internacionais.

As universidades portuguesas já têm uma relação consolidada com o setor empresarial que garanta a transferência imediata da inovação do meio académico para a gestão que contacta com os consumidores?

Ao nível das Pequenas e Médias Empresas (PME) isso ainda não acontece de forma rotinada. Mas



Wikipedia

INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO

Universidade do Minho lidera apoios do Horizonte 2020

Dez instituições de ensino e de investigação nacionais receberam 218,03 milhões de euros para 475 projetos. O total vai nos 727,13 milhões de euros.

A Universidade do Minho, com 30,42 milhões de euros para 65 projetos de investigação; o Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, com 28,25 milhões de euros para 31 projetos; a Universidade Nova de Lisboa, com 27,05 milhões de euros para 76 projetos; o Instituto Superior Técnico, com 24,71 milhões de euros para 52 projetos; e a Fundação Champalimaud, com 22,3 milhões de euros para 32 projetos, são as organizações portuguesas que lideram os apoios concedidos para investigação e inovação pelo Programa Horizonte 2020 da Comissão Europeia, à data de 27 de junho de 2019. Na mesma lista estão a Uninova, o INESC, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra e a Associação para Inovação e Desenvolvimento da Nova ID FCT. Além destes projetos de I&D e de Inovação, os apoios concedidos pelo Programa Horizonte 2020 permitiram desenvolver projetos tecnológicos nas indústrias do setor automóvel, com destaque para a Bosch de Braga, ou para o grupo Sonae, que está a proceder à modernização tecnológica das unidades de frio dos supermercados do seu grupo. O Programa Horizonte 2020 está a ser acompanhado pelo comissário Carlos Moedas e a sua equipa não para de receber candidaturas a apoios vindas dos 28 países da UE.

Alfredo Sousa de Jesus, da equipa de Carlos Moedas, revelou ao Jornal Económico que “as 1.561 propostas enviadas por entidades portuguesas candidatas ao Programa Horizonte 2020, da Comissão Europeia – destinado a apoiar projetos de investigação e inovação – a que foram atribuídos apoios, obtiveram um valor global de 727,13 milhões de euros até 27 de junho”. O Programa Horizonte 2020, iniciado a 1 de janeiro de 2014, decorrerá até 31 de dezembro de 2020 e, segundo o comissário Carlos Moedas (na entrevista, ao lado), previsivelmente deverá conceder aos projetos portugueses um total de mil milhões de euros.

Até ao final de junho do corrente ano, o valor cumulativo de apoios atribuídos ultrapassou os 727 milhões de euros, o que corresponde à triagem efetuada ao total das 17.170

propostas enviadas por Portugal (correspondentes a 2,72% das propostas submetidas pelos 28 Estados membros da União Europeia), entre as quais foram elegíveis 11.926 propostas que solicitaram apoios globais no valor de 6.667,75 milhões de euros (equivalentes a 2,29% do volume total de solicitações feitas pelos 28 países membros da UE, refere Alfredo Sousa de Jesus).

A taxa de sucesso das propostas portuguesas foi de 13,4%, o que é semelhante à taxa de sucesso registada entre os 28 países da UE, que foi de 14%, adianta a mesma fonte. No entanto, a taxa de sucesso da respetiva contribuição financeira concedida pelo Programa Horizonte 2020 às propostas portuguesas que tiveram acesso a apoios de 727,13 milhões de euros foi de apenas 10,9%, o que é inferior à taxa de sucesso de 14% registada entre os 28 membros da UE.

Ao nível das Pequenas e Médias Empresas (PME), a taxa de sucesso das respetivas propostas é da ordem dos 12,01%, que é semelhante à taxa registada entre as propostas enviadas pelos 28 Estados da UE e que foi de 12,11%. Também a taxa de sucesso da contribuição financeira obtida pelas PME portuguesas – de 8,85% – é semelhante à obtida ao nível das PME dos 28 países da UE, de 9,81%. Designadamente, 4.628 PME portuguesas solicitaram apoios de 1.865,55 milhões de euros, mas só

556 PME, ou seja, 12,01% do número das candidatas foram bem sucedidas, obtendo 165,12 milhões de euros (ou, 8,85% do montante total solicitado pelas PME).

Em Portugal houve 64 investigadores principais a quem o Programa Horizonte 2020 concedeu 103,98 milhões de euros, o que corresponde a 1,40% dos 4.571 investigadores principais existentes nos 28 Estados da UE que solicitaram apoios deste tipo, no montante global de 7.406,99 milhões de euros, explica Alfredo Sousa de Jesus.

Ao nível dos projetos de colaboração que incluem elementos de outros países, a Comissão revela que Espanha é o país com o qual os portugueses efetuam maior número de projetos de colaboração, seguindo-se a Alemanha, Itália, França e Reino Unido.

Por tipos de programas, o maior número de candidaturas enviadas (no total de 4.301) dirigiu-se ao programa de mobilidade Marie Curie Actions, que concede apoios (no valor de 884,41 milhões de euros) para que os investigadores possam deslocar-se e permanecer nas cidades onde vão realizar os projetos de investigação. No entanto, por valor – ascendendo ao total de 1.282,45 milhões de euros – o programa que lidera os pedidos de apoios é o LEIT - Leadership in Enabling and Industrial Technologies, destinado, por exemplo, às unidades industriais que pretendem concretizar projetos de automação de linhas de produção (por exemplo, no setor automóvel) integradas na modernização prevista pelo programa “Indústria 4.0”. Seguem-se os programas na área das energias renováveis e eficiência energética (1.254 propostas para um valor global de 409,3 milhões de euros), o programa de segurança alimentar, agricultura sustentável, atividades marítimas e bioeconomia (com 304,99 milhões de euros), o programa de saúde, alterações demográficas e bem-estar (com 506,14 milhões de euros), e o programa de segurança na sociedade (com 240,77 milhões de euros), que apoia, por exemplo, o projeto de biometria que uma empresa portuguesa está a desenvolver para aeroportos de vários países. ●

julgo que a tendência será para um maior contacto entre as PME e as universidades.

É relevante para Portugal o facto da Comissão com este pelouro ser presidida por um português?

Tenho orgulho de ter feito um trabalho que deu resultados evidentes, contribuindo para o aumento da Investigação, Tecnologia e Inovação nas empresas portuguesas. O desenvolvimento tecnológico de boa parte das indústrias portuguesas permitiu um avanço impressionante nos últimos anos, com casos de sucesso reconhecidos a nível

mundial, sobretudo na indústria de componentes automóveis. Isso permitiu aumentar a contratação de mão de obra altamente qualificada. Atualmente, a engenharia nacional tem um nível de excelência que permitiu captar para Portugal projetos de alta tecnologia. É evidente que a economia portuguesa está muito mais desenvolvida, mais flexível e mais moderna. O trabalho e o esforço feito pelo país durante a crise – na intervenção da troika –, alteraram as estratégias das empresas. E a própria Web Summit também contribuiu para aumentar a importância da inovação nas empresas. ●

O valor cumulativo de apoios atribuídos ultrapassou os 727 milhões de euros, o que corresponde à triagem efetuada ao total das 17.170 propostas enviadas por Portugal, correspondentes a 2,72% das propostas submetidas pelos 28 Estados da UE



INQUÉRITO AO POTENCIAL CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO NACIONAL

Altice é a empresa portuguesa que mais investe em I&D

Os privados asseguram mais de metade da despesa do país com investigação e desenvolvimento. Em 2008, o movimento foi liderado pelo grupo de telecomunicações com 86 milhões de euros.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

O investimento em ciência tem crescido ininterruptamente desde 2015, após cinco anos de quebra, e o setor privado assume-se como o motor desse crescimento.

De acordo com o Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional (PCTN), divulgado em junho pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência, a despesa das empresas portuguesas

em investigação e desenvolvimento (I&D) atingiu 1.398 milhões de euros, mais 94 milhões do que no ano anterior.

Na senda da Portugal Telecom, a empresa que adquiriu e a que procura dar continuidade, a Altice Portugal, tem vindo a destacar-se pela aposta na inovação, surgindo pelo terceiro ano consecutivo à cabeça das empresas que mais investem em I&D. No ano passado, o investimento do grupo de telecomunicações totalizou 86 milhões de euros, mais 16 milhões do que

no ano anterior e bastante acima do mínimo histórico de 53 milhões de há três anos.

Além de ser a empresa que mais dinheiro destina a atividades de I&D, a Altice Portugal distingue-se também pelo elevado número de pessoas dedicadas em exclusivo à I&D e inovação: 689, das quais 624 diplomadas do ensino superior.

A Bial figura em segundo lugar da lista provisória das empresas/grupos com mais despesa intramuros em atividades de I&D em

2018, que é construída com dados reportados pelas empresas ao IPCTN até 26 de junho de 2019. Com 54 milhões de euros, a farmacêutica da família Portela está a mais do dobro do montante do grupo Super Bock (24 milhões), que é terceiro. A Bial destaca-se ainda por ter 124 trabalhadores altamente qualificados dos quais 45 doutorados, liderando neste último indicador o grupo das 100 empresas consideradas.

No setor financeiro, o protagonismo pertence ao Banco Comer-

cial Português, com uma fatura de 21 milhões de euros alocados a atividades de I&D. Na área editorial destaca-se a Porto Editora, com uma despesa de 11,6 milhões e 164 pessoas afetas ao setor, das quais 138 com o ensino superior.

Na lista das 100 empresas com mais despesa intramuros em atividades de I&D em 2018 figuram nomes conhecidos como Nokia Solutions, grupos Efacec e Bosch, CGD, Galp Energia, EDP e Jerónimo Martins e tecnológicas jovens e inovadoras como o grupo Primavera, Vision-Box, Edisoft e PHC. A agroalimentar Frulact também lá está, bem como o Instituto de Novas Tecnologias - INESC Inovação e o Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal - CITEVE.

O bolo da despesa

A Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência contabiliza em 2.753 milhões de euros a despesa global em I&D em Portugal, no ano passado, o que traduz um acréscimo de 168 milhões face a 2017. A maior fatia dessa despesa (51%) foi assegurada por empresas, ficando 42% a cargo do ensino superior. Já os setores Estado e instituições privadas sem fins lucrativos garantiram o restante, isto é 6% e 2%, respetivamente. Todos estes quatro pilares da so-



cidade aumentaram a sua despesa em I&D, garantindo em atividades desta natureza o equivalente a 1,37% do PIB. Ou seja, mais 0,4% do que no ano anterior.

Muitas das empresas que fazem da I&D a sua aposta também contribuem para estimular a inovação na esfera da academia, através de parcerias com universidades e politécnicos. É o caso da Altice e dos seus laboratórios colaborativos: a Altice Labs em Aveiro é um exemplo do investimento realizado pelo grupo de telecomunicações, que mais recentemente deu largas a um movimento de descentralização que põe no mapa o distrito de Viseu, a Ribeira Brava na Região Autónoma da Madeira e o Algarve.

Emprego científico

Em 2018, o número total de pessoas afetas a atividades de I&D em Portugal era de 46.538, se considerarmos apenas a categoria de investigador. Quando o critério são unidades de equivalente a tempo integral (ETI), o número sobe para 57.150.

Outro indicador com evolução positiva no Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional de 2018 é o aumento do número de investigadores na população ativa, que passaram de 7,4 por mil, em 2015, para 8,9. Entre 2015 e

2018 registou-se um crescimento de 7.866 investigadores, o que corresponde a um aumento de 20%.

O ensino superior público continua a ser o setor que emprega mais investigadores: 28.628 unidades de equivalente a tempo integral, enquanto no setor privado trabalham 15.880. Destaque ainda para o crescimento de 3% do emprego científico nas empresas a nível nacional.

Os números são o melhor retrato da evolução da ciência na atual legislatura, mas não permitem embandeirar em arco. Logo nos primeiros anos, o primeiro-ministro António Costa chegou a colocar a fasquia nos 2,7% do PIB em 2020, mas o número tem vindo a ser revisto em baixa. No final do ano passado, o ministro da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, um cientista pragmático, colocou a fasquia em níveis bastante mais realistas: 1,7% do PIB em 2019. Há 20 anos, em 1999, a despesa atingiu 814 milhões de euros e em 1982 totalizava uns míseros 32 milhões.

Na ciência, como em muitos outros aspetos da nossa vida em sociedade, o facto de Portugal estar integrado na União Europeia é a mola que impulsiona o processo de convergência com a Europa do conhecimento. Ficar de fora não é opção. ●

32

milhões de euros é a despesa realizada em 1982 com investigação e desenvolvimento. As estatísticas comprovam a pouca importância que é dada à ciência em Portugal no início dos anos 80.

401

milhões de euros é quanto se gasta em I&D em 1992. Em dez anos, a verba alocada à investigação e desenvolvimento aumenta 12,5 vezes, passando de dois para três dígitos.

1.038

milhões de euros. Em 2001, já no novo milénio, a despesa em I&D ultrapassa pela primeira vez os mil milhões de euros. O seu peso no Produto Interno Bruto continua a crescer.

2.771

milhões é o maior valor de sempre da despesa com I&D. Registou-se em 2009 e correspondeu a 1,64% do PIB. Era ministro Mariano Gago, o físico que revolucionou a forma de fazer ciência em Portugal.

2.234

milhões de euros é o dinheiro gasto em ciência em 2015. A partir daí tem sido sempre a crescer, tanto em valor absoluto como em percentagem do PIB. As empresas assumem cada vez maior protagonismo.

2.753

milhões de euros é a despesa em 2018, o equivalente a 1,37% do PIB. Trata-se do segundo maior valor absoluto. Em 2019, o ministro Manuel Heitor quer ver atingidos 1,7% do PIB.

EMPRESAS

Portuguesas Talkdesk e ISQ são casos de sucesso

As duas empresas nacionais, com idades bem distintas, têm aplicado ‘fora de casa’ o investimento interno que fazem em I&D.

MARIANA BANDEIRA

mbandeira@jornaleconomico.pt

Com apenas oito anos, a Talkdesk não só abriu um laboratório de inovação em Coimbra e, mais recentemente, em Aveiro, como criou um fundo com o equivalente a 8,8 milhões de euros. O terceiro unicórnio português, com sede em São Francisco, está a seguir uma tendência das *startups* internacionais que é a de partilhar conhecimento e dar mais recursos ao ecossistema, a partir das suas próprias rondas de investimento.

“A aposta na inovação é uma constante na Talkdesk. É a nossa essência, aquilo que nos diferencia e nos permite estar na vanguarda do setor. Investimos, por isso, de forma muito significativa com o intuito de criar novas soluções e produtos inovadores e, deste modo, continuarmos a liderar o caminho, construindo o futuro dos *contact centers* e marcando as tendências no que ao domínio da experiência do consumidor diz respeito”, disse ao Jornal Económico Fernanda Machado, Innovation Manager da Talkdesk. Fernanda Machado adiantou ainda que tecnológica liderada por Tiago Paiva conta com mais de 350 colaboradores exclusivamente dedicados à investigação, inovação e desenvolvimento e prevê que, até ao final de 2019, estejam cerca de 500 afetos a estas atividades.

No último ano, a empresa de software para *contact centers* lançou no mercado mais de 600 funcionalidades, entre as quais soluções de contexto, ‘roteamento’ [*routing* - seguimento das chamadas], relatórios e análise de dados para, por exemplo, recolher informação sobre o histórico da pessoa que está a contactar a empresa e dar essa informação ao agente. Entre os projetos nos quais investiram estão o Talkdesk Workforce Management e o Agent Assist.

Mais maduro em I&D está o grupo de engenharia, certificação e consultoria ISQ. Ainda a Talkdesk não era nascida e já esta empresa cinquentenária investia na área, em meados de 1977. Ao longo dos

últimos anos, o ISQ participou em mais de cinco centenas de projetos internacionais de I&D e inovação reunindo mais de 1.200 parceiros portugueses. A par do IAPMEI - Agência para a Competitividade e Inovação e da Universidade de Aveiro, o ISQ foi um dos responsáveis pelo lançamento e implementação do “Shift to [Indústria] 4.0”, uma iniciativa que visa diagnosticar a maturidade digital das empresas, identificar boas práticas, estabelecer medidas e dar ferramentas para uma reflexão estratégica sobre esse percurso de transformação.

O ISQ tem provas dadas na promoção da competitividade e da inovação empresarial, inclusive para o Governo. No ano passado, o Ministério da Economia escolheu o grupo para apresentar os resultados do programa Interface, cuja missão é criar uma espécie de trílogo harmonioso entre ciência, tecnologia e economia, que se traduza em mais qualificação para os recursos humanos das organizações e capacidade de internacionalização. Pouco depois, o grupo assinou um protocolo inovador de cooperação cultural, científica e pedagógica entre as universidades e instituições de ensino superior da Euroregião Galiza-Norte de Portugal. A estratégia também não passou despercebida ao governo de Timor-Leste, que convidou a multinacional para supervisionar a construção do novo aeroporto de Oecusse. ●

“Do modelo de inovação linear passou-se ao em cadeia e depois ao interativo para se perceber que a maior parte mistura várias dinâmicas”, refere Pedro Matias, presidente do ISQ

APOSTAR EM I&D

Apoios e financiamentos disponíveis em Portugal

Existem vários mecanismos financeiros para as empresas que desejam apostar em Investigação e Desenvolvimento. O Jornal Económico selecionou alguns dos apoios e linhas apresentados por várias instituições.

ANTÓNIO SARMENTO
asarmento@jornaleconomico.pt

Em fevereiro deste ano, o Millennium bcp e o Fundo Europeu de Investimento (FEI) assinaram dois acordos ao abrigo dos programas COSME e InnovFin, da Comissão Europeia. Estes acordos beneficiam ainda do apoio do Fundo Europeu para Investimentos Estratégicos, que faz parte do Plano de Investimento para a Europa. “O Millennium bcp garante, através do FEI, uma linha de financiamento de 500 milhões de euros, destinada a mais de 1.150 Pequenas e Médias Empresas (PME) em Portugal”, pode ler-se no site da instituição. Foi também assinada uma extensão do acordo InnovFin, assegurando 400 milhões de euros adicionais a mais de 750 PME e *mid-caps* inovadoras em Portugal.

Entre outros apoios do Millennium bcp, também o BPI beneficia de várias linhas de financiamento concedidas pelo FEI para apoio a PME (empresas com menos de 250 colaboradores) e *mid-caps* (empresas com mais de 250 e menos de 3.000 colaboradores), permitindo às empresas aceder a fundos a taxas favoráveis.

Já o Novo Banco apoia o investimento das PME através da nova Linha de Crédito com Garantia Mútua Capitalizar Mais e do novo SI Inovação. Esta linha, tal como outras, tem como principais características o apoio ao desenvolvimento de projetos de investimento para reforço da capacidade das PME, bem como às necessidades acrescidas de fundo de maneo que deles decorrem, com especial incidência nos projetos que se candidatam ao novo Sistema de Incentivos à Inovação após a reprogramação do Portugal 2020.

No caso do banco Santander, a Linha Capitalizar Mais “puxa” o negócio para a frente. A Linha foi recentemente alterada para incluir o apoio ao investimento apresentado ao Sistema de Incentivos à Inovação (SI Inovação). “O apoio será repartido entre uma componente de subsídio a fundo perdido e uma componente ao abrigo Li-



Istock

luções de financiamento de que necessita para complemento dos apoios comunitários e a resposta às necessidades de antecipação dos subsídios aprovados para realização do investimento.

Também o Bankinter disponibiliza, entre outras, a Linha de Crédito Capitalizar 2018 destinada a apoiar as Micro e Pequenas Empresas, no financiamento de investimento novo em ativos corpóreos e incorpóreos, e reforço do fundo de maneo das PME Nacionais.

Já a Instituição Financeira de Desenvolvimento conta, por exemplo, com a linha de financiamento IFD Capitalizar Mid Caps, no montante de 200 milhões de euros, que visa oferecer às PME e Mid Caps portuguesas financiamento de longo prazo com menor custo, mediante a transferência para as empresas de condições de *funding* mais competitivas obtidas pela IFD junto de instituições financeiras internacionais.

No IAPMEI existem atualmente três Sistemas de Incentivos principais, correspondentes a três domínios de desenvolvimento empresarial (Inovação Empresarial e Empreendedorismo, Qualificação e Internacionalização das PME e Investigação e Desenvolvimento Tecnológico), que englobam diversos sub-sistemas, direcionados a potenciar o desenvolvimento das empresas nacionais durante as várias fases do seu ciclo de vida e nas suas áreas de competitividade consideradas fundamentais para operar em mercados globais.

Enquadrado na Linha Capitalizar Mais da SGPM, este instrumento financeiro de garantia resulta de uma parceria com as Instituições de Crédito, a Instituição Financeira de Desenvolvimento (IFD), a SPGM e as Sociedades de Garantia Mútua (SGM), e destina-se a financiar parte do investimento apresentado ao Sistema de Incentivos à Inovação (SI Inovação), devendo a candidatura ser apresentada, inicialmente, pela empresa através da Plataforma do Sistema de Incentivos às Empresas do Portugal 2020. ●

Para apoiar projetos de Inovação e Investigação há várias soluções financeiras disponíveis no mercado português, umas mais vocacionadas para as PME, outras dirigidas a instituições científicas

inha de Crédito Capitalizar Mais, na componente de financiamento da parte do investimento apresentado ao SI Inovação com os juros e comissões de garantia suportados pelo Portugal 2020”, pode ler-se na página oficial da instituição financeira.

Na Caixa Geral de Depósitos destaca-se, entre os diversos apoios, uma Linha (Apoio Desenvolvimento Negócio 2018) com garantia mútua, no âmbito do protocolo celebrado entre a Caixa, o IAPMEI, IP, o Turismo de Portugal, a SPGM e as SGM – Agrogarante, Garval, Lisgarante e Norgarante, destinada a empresas na fase inicial do seu ciclo de vida.

Em relação ao Montepio, existe a Linha de Crédito Fundo Europeu de Investimento – InnovFin Garantia a PME, que se destina a PME e Small Mid Caps (Empresas não classificadas como PME e com um máximo de 499 funcionários) de qualquer setor e atividade que preencham os requisitos de elegibilidade e de acesso estabelecidos pelo Fundo Europeu de Investimento, entidade gestora da Linha.

O Crédito Agrícola, entre os vários apoios ao investimento, ajuda as empresas a concretizar os seus planos através dos programas operacionais do Portugal 2020. A instituição apoia a candidatura, as so-

ORÇAMENTO DAS EMPRESAS EM I&D CRESCE ANUALMENTE

Gerir adequadamente o orçamento anual para I&D tem sido uma preocupação maior dos empresários portugueses. Das tecnológicas às 'utilities', os líderes procuram criar parcerias com as universidades, desenvolver novos produtos e exportar.

1 COMO TEM EVOLUÍDO O ORÇAMENTO PARA I&D NA EMPRESA?

2 DE QUE FORMA A APLICAÇÃO DESSE MONTANTE EM PROJETOS CONCRETOS PERMITIU MELHORIAS OPERACIONAIS?



LUÍS ALVEIRINHO
Chief Technology
Officer da Altice Portugal



EMANUEL SERRANO
Membro da Comissão
Executiva da Compta



NUNO SILVA
Diretor de Tecnologia
& Inovação da Efacec



ANTÓNIO VIDIGAL
Administrador
da EDP Inovação

TECNOLOGIA DE EXCELÊNCIA

Os conceitos de investigação e inovação estão no código genético da Altice Portugal, o que lhe permitiu recentemente, e pelo segundo ano consecutivo, ser reconhecida como a empresa que mais investiu, durante o ano de 2018, em Investigação, Desenvolvimento e Inovação a nível nacional, num total de mais de 86 milhões de euros, o dobro do segundo maior investidor deste *ranking* da DGEEC (Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência). Prova da relevância que a investigação e a inovação têm na atuação da Altice Portugal é também o facto de ter protagonizado, entre 2015 e 2018, um investimento superior a 300 milhões de euros exclusivamente em I&D. Tem vindo a verificar-se ao longo dos anos um aumento significativo do orçamento da Altice Portugal exclusivamente alocado à Inovação, Investigação e Desenvolvimento, sendo que este valor quase dobrou no espaço de apenas três anos. O motivo para este investimento está intimamente ligado a um dos principais pilares estratégicos da Altice Portugal: inovação tecnológica de excelência. Este é, aliás, um dos fatores distintivos da postura da Altice Portugal no mercado e que em muito contribui para a sua liderança. O desenvolvimento tecnológico colocando a inovação ao serviço das pessoas e das empresas são passos que a Altice Portugal continuará a dar já que os mesmos são cruciais para a qualidade de vida dos portugueses e para o desenvolvimento económico do país. Com a instituição do Prémio de Inovação – Altice International Innovation Award – que vai para a terceira edição e que atribui o maior valor monetário para *startups* e projetos de mestrado ou doutoramento, a criação da possibilidade de se poderem fazer provas de conceito na Altice e poder usar a rede comercial para a divulgação dos produtos vencedores, é um claro fator de apoio à investigação e inovação nacionais.

COLABORAÇÃO COM A ACÁDEMIA

O Grupo Compta tem realizado investimentos significativos em I&D, que têm crescido ao longo dos últimos cinco anos, conforme pode constatar-se no último relatório da DGES, e têm sido fundamentais para a transformação do posicionamento do Grupo Compta no mercado. Temos criado áreas prioritárias de investimento como é o caso das Cidades Inteligentes com a nossa linha de Produtos Bee2, da Investigação Criminal, das plataformas rápidas de desenvolvimento, das metodologias Agile e da IoT. Sendo que no último ano apostamos num forte investimento em AI. Abrimos o Grupo Compta a iniciativas de inovação internas e externas com a nossa Plataforma Lusídeias, e investimos na colaboração com várias universidades em diversas áreas. Temos hoje, por isso, uma cultura mais aberta e mecanismos de controlo de risco muito mais apurados que nos permitem melhor capitalizar estes investimentos. Estes investimentos têm sido estruturantes no desenvolvimento da nossa atividade. Estamos hoje sem qualquer dúvida mais preparados pois dominamos áreas emergentes relacionadas com a internet das coisas e a inteligência artificial, somos procurados pela nossa capacidade disruptiva e somos líderes em diversos mercados verticais. Temos tido a honra de ganhar diversos prémios nacionais e internacionais nestas áreas, o que comprova também a nossa liderança e capacidade de entrega nestas áreas emergentes, complexas e onde temos já soluções e produtos concretos para entregar ao mercado. Todo este investimento tem criado um capital interno de inovação que se espelha em novas metodologias e ferramentas de trabalho e numa cultura de constante desafio e procura por melhores e mais inovadoras soluções, com o máximo de PI Compta.

VALOR ACRESCENTADO AO CLIENTE

Dizemos que a inovação tecnológica faz parte do ADN da Efacec. De facto, há 71 anos que a Efacec foca a sua atividade e oferta na busca de soluções e serviços tecnológicos diferenciadores e de elevado valor acrescentado para os clientes. No entanto, a forma de gerir o investimento em inovação nem sempre terá sido o mais sistemático ou *accountable*, mas sempre foi dando resultados positivos, uma vez que o foco estava bem definido. Entretanto, a necessidade de um constante pensamento diferenciador e adaptado às novas necessidades do mercado, ao mesmo tempo avança as competências internas, faz com que o processo de Gestão de Tecnologia e Inovação seja atualmente transversalizado e tenha um conjunto de indicadores que permitem medir de forma transparente e sistemática a intensidade tecnológica da Efacec, permitindo mensurar a forma como a nossa estratégia tecnológica é executada. Possibilita ainda perceber a tendência crescente na aposta e investimento em Inovação e Desenvolvimento Tecnológico (IDT) consubstanciada pelo aumento de mais de 20% entre 2017 e 2018 e perspetivando um aumento da mesma ordem para 2019 com o objetivo de superar 3.5% do volume de faturação total da Efacec. Este investimento em I&D vem suportar e gerar ainda mais *know-how* nas nossas pessoas que demonstram a sua excelência e motivação sempre que participam nos projetos que têm impacto no futuro. É destes mais de 40 projetos atualmente em curso, oriundos do nosso Roadmap Tecnológico e que antecipam necessidades de mercado e tendências tecnológicas, que resultam os nossos produtos, sistemas e serviços além de melhorias de eficiência em processos e soluções do nosso portefólio ou até em acréscimos funcionais.

FORMA DE ATINGIR METAS

A EDP tem feito uma aposta crescente em Inovação, tendo investido nesta área mais de 210 milhões de euros nos últimos quatro anos. Só no ano passado, foram canalizados mais de 75 milhões de euros para esta área, sem contar com a carteira de 72 milhões de euros para gerir na atividade de Corporate Ventures, que tem como objetivo criar um ecossistema vibrante de *startups* inovadoras. Este duplo investimento em inovação do grupo EDP já permitiu apoiar dezenas de empresas promissoras que estão a desenvolver soluções determinantes para o futuro mais digital e sustentável que todos procuramos. Com esta aposta, conseguimos ajudar a avançar o negócio destas *startups*, que têm um montante total de vendas que supera os 100 milhões de euros e que já geraram mais de 800 postos de trabalho. A estes valores, é preciso ainda somar a aposta reforçada da EDP na digitalização de processos: na relação com os clientes, na gestão dos seus ativos e nos próprios processos internos. Para concentrar este esforço, foi criada uma Digital Factory com o intuito de aumentar as iniciativas digitais do grupo, minimizando tempos de implementação. Para suportar esta nova abordagem ao digital, a DGU foi dotada de um orçamento adicional de 10 milhões de euros. A EDP tem o objetivo ambicioso de, até 2030, produzir 90% da energia a partir de fontes renováveis, como a água, o vento e o sol, instalar 4 milhões de painéis fotovoltaicos distribuídos, ter 1 milhão de clientes de mobilidade elétrica e 100% dos clientes servidos por redes inteligentes. Para alcançar estas metas com que nos comprometemos em março deste ano, o grupo está a reforçar o investimento em inovação.



LUÍS SARAMAGO
Diretor de Marketing
da Renova

ESTRATÉGIA DE DIFERENCIAÇÃO

Sendo a inovação a base da estratégia de diferenciação da marca Renova, consideramos que o investimento em tempo, pessoas e recursos tem aumentado, no sentido de conseguirmos desenvolver produtos e soluções que respondam de forma mais adequada às expectativas dos cidadãos. Como exemplo de evolução orçamental para a inovação, em 2017, a Renova investiu 36 milhões de euros na compra da Máquina de Papel nº7, um projeto tecnologicamente inovador e pioneiro na Europa, que permitiu fabricar um novo tipo de papel estruturado 4D e aumentar em 50% a capacidade de produção da empresa. O investimento em inovação reforça a diferenciação, define posicionamento da marca e por consequência cria oportunidades de negócio.



TESTES DE VIBRAÇÃO E TÉRMICOS LABORATÓRIO DE ENSAIOS AMBIENTAIS



Oferecemos um leque diversificado de ensaios e análises, em equipamentos e componentes de indústrias que necessitam de assegurar o cumprimento dos requisitos mais exigentes de qualidade e segurança nos seus produtos.

No nosso laboratório, aplicamos métodos internacionalmente reconhecidos (como DIN EN 60068-2-6, RTCA/DO-160 ou ECSS-E-ST-10-04C) oferecendo as melhores soluções técnicas e garantindo a competência e idoneidade dos ensaios baseados na nossa larga experiência em projectos espaciais.



Câmara de ciclos térmicos para ensaios: ciclos, fadiga e vácuo. Ambiente controlado e ISO 8.



Mesa de vibração de alta performance para ensaios em equipamento: vibrações, fadiga e choque. Ambiente ISO 5.



Sala Limpa ISO 7 para ensaios e montagem de componentes em ambiente controlado. Equipada com módulo laminar Telstar ISO 4.